

sangue novo

O lançamento tardio de Mathias Baddo

Joana Luna Camargo

Mathias Baddo escreve desde os 13 anos, mas só lançou sua primeira música solo nas plataformas digitais em 2022. Antes disso, passou quase duas décadas dividindo composições, guitarras e arranjos entre as bandas Metropolis, Ad Rock FC e Território Antifa, sem registrar nada em nome próprio. No dia 22 de abril deste ano, quando fez 42 anos, lançou *All Day*, canção escrita ainda adolescente e que ficou 27 anos sem produção.

A entrada de Baddo na música veio pela poesia. Na pré-adolescência, o gosto por versos chegou e o levou a escrever; não tardar, a passagem para as canções aconteceu de forma natural.

Se inscreveu em aulas por conta própria, aprendeu a tocar, estudou teoria musical e, mais tarde, produção digital, montando em 2008 o próprio estúdio em casa, onde compõe e grava até hoje.

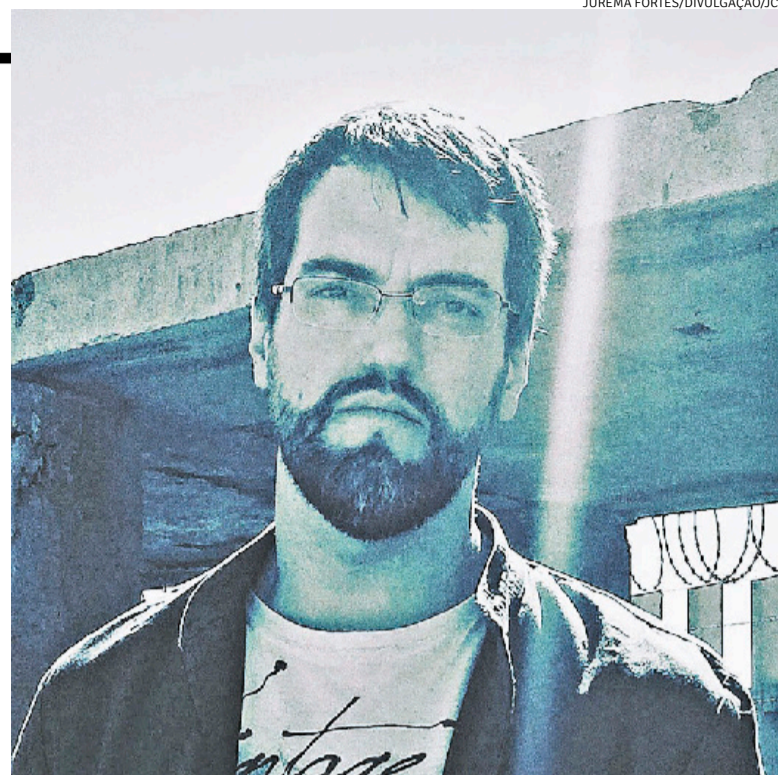
O processo de composição de Baddo segue uma ordem fixa: o texto sempre vem primeiro. “Quase sempre, eu esbarro em alguma ideia de letra, algum encaixe de conceitos e formas que me agradam e me fazem desenvolver uma letra”, explica. A harmonia e o ritmo chegam depois, ajustados ao que já foi escrito, e quando o encaixe entre letra e melodia exige, ele prefere cortar uma palavra bem construída do que travar o andamento da canção. “Quase sempre priorizando o tema do texto, eventualmente, sacrifican-

do alguma palavra bonita para a canção fluir melhor”, diz.

Com o grupo Ad Rock FC, Baddo circulou por festivais e mais de 40 programas de rádio regionais. A experiência em banda, no entanto, é o que ele usa como contraponto para explicar por que a carreira solo demorou tanto para começar. “A diferença é a liberdade decisória. Solo, tu decide pra onde vai e vai e pronto. Com banda, é preciso conversar, alinhar, esperar o tempo e a disponibilidade de cada um”, compara.

All Day é, segundo o artista, sua primeira experiência de composição pensada como um todo, com letra, melodia e estrutura desenvolvidas em conjunto desde o início – diferença que ele atribui aos anos de estudo entre a escrita da canção e seu lançamento. Hoje, o catálogo de Baddo nas plataformas inclui ainda dois álbuns, um deles instrumental, dois EPs temáticos e vários singles; além de centenas de composições na gaveta.

Baddo já integrou projetos coletivos da cena autoral gaúcha, como o Território Antifa, em que atuou como baixista e compositor, e o Som do RS, ligado ao *MorroStock*. Apesar disso, descreve sua rede de contatos no cenário musi-



JUREMA FORTES/DIVULGAÇÃO/JC

Compositor lança música escrita na época em que tinha 13 anos de idade

cal de Porto Alegre como enxuta. “Eu me vejo com uma base ainda pequena de contatos e conexões, porém, com coerência e continuidade, entendo que naturalmente vou expandir”, afirma, citando a existência de grupos dedicados à cena autoral não só na capital, mas em toda a Região Metropolitana e no interior do Estado.

Por ora, a prioridade do artista é dar vazão ao volume de canções já escritas, deixando os

palcos para depois. “Nesses 27 anos compondo, já são algumas centenas de músicas esperando por uma atenção, um registro. Dá para explorar bastante o compositor ainda”, diz. Os shows, segundo ele, virão quando o trabalho gravado encontrar repercussão suficiente para ocupar os espaços. Enquanto isso, segue dividindo a rotina entre as aulas de música que dá, o serviço público e o volante de um carro de aplicativo.

qual é a boa?

Toda a semana, a equipe de redação do Jornal do Comércio vem com sugestões para melhor aproveitar a vida cultural de Porto Alegre no final de semana. Nesta edição, dá para curtir shows, lançamento de livro e caminhada guiada, com foco na história da Capital



Quem não vive o dia a dia do *heavy metal* talvez ache que o Brasil, nesse quesito, se resume ao Sepultura, ao Angra e olhe lá. Mas a verdade é que, há décadas, o cenário brasileiro do metal é um dos mais ativos e produtivos do mundo - e uma prova disso acontece neste domingo, quando o Opinião recebe o festival *Brazilian Metal Forces*, só com bandas significativas do metal feito em nosso País. Lendas da barulheira, Korszus e Viper vêm de São Paulo para tocar ao lado dos locais Phornax e Xakol, que será a banda de abertura. A maratona pesada começa às 18h e vai até às 23h, com ingressos à venda no Sympla. Dito isso, vocês já sabem onde me encontrar neste domingo!

Igor Natusch, editor de Cultura/JC



Como sou interiorana, aprendi a amar Porto Alegre ao me conectar com a cidade, principalmente a partir da sua história. E, nesse ponto, algo que sempre me ajudou muito foram os percursos guiados pela cidade. Neste final de semana, a minha dica é justamente o trajeto *Caminhos da Matriz*, que percorre edifícios centenários e promove a história pública da Capital. O encontro, gratuito e sem inscrições, será neste sábado, às 14h, no Monumento a Julio de Castilhos, na Praça da Matriz. Mesmo para quem nasceu e cresceu na cidade, é uma maneira de ressignificar lugares do cotidiano e conhecer ainda mais sobre a sua formação histórica.

Ana Stobbe, repórter de Economia/JC



Para este finde, a boa são os dois shows de reunião com a formação original da Barão Vermelho que acontecem nesta sexta e sábado no Auditório Araújo Vianna, às 21h. Conheci a banda ouvindo no carro do meu pai, com o CD *MTV ao Vivo*, no início dos anos 2000, e desde lá, escuto em diversos momentos da minha vida. Desde o anúncio, espero ansiosamente por essas noites. O lineup Frejat, Dé Palmeira, Guto Goffi, Mauricio Barros, acompanhados de Fernando Magalhães, promete uma noite de nostalgia com os maiores clássicos da banda. O show acontece depois de mais de 30 anos da saída do baixista Dé e quase dez anos da volta do Frejat. Pura emoção!

Joana Luna Camargo, estagiária de Cultura/JC



O rolê cultural deste final de semana em Porto Alegre inicia nesta sexta-feira, às 18h, no Foyer do Multipalco Eva Sopher, que recebe o jornalista Juarez Fonseca para o lançamento de *Gilberto Gil - O tempo é o nada que é tudo*. O livro é um documento histórico, reunindo dez entrevistas e 30 resenhas escritas ao longo de 50 anos por Fonseca, que é um dos jornalistas, críticos musicais e pesquisadores mais respeitados do Rio Grande do Sul e do Brasil. O material vai desde o retorno do exílio de Gil em 1972 até a turnê de despedida *Tempo Rei*, no Beira-Rio em 2025. A noite de autógrafos cai na data de aniversário do mestre baiano. Garante teu exemplar!

Adriana Lampert, repórter de Cultura/JC